

O TRABALHO COMO FORMA DE SOBREVIVÊNCIA NO PERÍODO CAPITALISTA

THE WORK AS SURVIVAL MODE IN CAPITALIST PERIOD

Alex Rodrigo Borges¹

Karina Liotti Guimarães Marques Pereira²

Kely Alves³

Páglia Silva e Lopes⁴

RESUMO

Através do modelo Taylorista/Fordista foi possível destacar o trabalho como uma forma de alienação e exploração do operário. Os indivíduos deveriam ser treinados para executar o trabalho, em uma sequência de tempo e movimento, dessa forma retirando-os do poder de decisão de métodos e ritmos do trabalho em nome da racionalidade científica. Foi disseminada a relação entre o meio de produção capitalista e os proprietários da força de trabalho, onde o trabalhador não possuía nenhuma forma de sobrevivência. Dessa forma, o trabalho passa a ser executado de maneira assegurar a acumulação do capital. Além disso, o processo de globalização contribuiu para acirrar a competitividade entre as empresas o que afeta diretamente o trabalhador principalmente no que tange a diminuição dos postos de trabalho. A competição pelos poucos empregos induz o investimento das pessoas no aprimoramento de suas capacidades. A educação profissional, frequentemente tem sido relacionada com a melhoria da qualificação dos indivíduos depois de inseridos no mercado. Em sequência um novo modelo surge com intuito de elaborar um discurso voltado para a valorização do trabalho em equipe, da multifuncionalidade, da flexibilização do trabalhador. Mediante essa relação, este artigo analisou as configurações do capitalismo no seu exercício pleno com relação ao trabalhador.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalhador; Capitalismo; Processo de Globalização.

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, especialista em Fisioterapia Traumatológica pelo centro Universitário do Triângulo e Graduado em Fisioterapia pelo Centro Universitário do Cerrado de Patrocínio. Professor da Faculdade Cidade de João Pinheiro e da Faculdade Cidade de Patos de Minas. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9868933629440232>.

² Especialista em Metodologia do Ensino e Tecnologia para Educação a Distância pela Faculdade Cidade de João Pinheiro e em Banco de Dados pelo Centro Universitário do Triângulo, MBA em Gerenciamento de Projetos pela Fundação Getúlio Vargas e Graduada em Tecnologia pela Universidade Cruzeiro do Sul. Professora da Faculdade de Patos de Minas e da Faculdade Cidade de Coromandel. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9010343160870053>.

³ Especialista em Metodologia do Ensino e Tecnologia para Educação a Distância pela Faculdade Cidade de João Pinheiro e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora da Faculdade Cidade de João Pinheiro. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5040557700929191>.

⁴ Cursando especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade de Patos de Minas. MBA em Comércio Exterior e Negócios Internacionais pela Fundação Getúlio Vargas e graduada em Administração com Ênfase em Comércio Exterior pela Universidade de Franca. Professora da Faculdade Cidade de Patos de Minas e do Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6750826324648168>.

ABSTRACT

Through the Taylorist/Fordist was possible to highlight the work as a form of alienation and exploitation of the worker. Individuals should be trained to perform the work in a sequence of time and movement, thus removing them from the decision-making methods and rhythms of work on behalf of scientific rationality. Was disseminated through the relationship between capitalist production and the owners of the workforce, where the employee had no way to survive. Thus, the work shall be performed in order to ensure capital accumulation. Furthermore, the process of globalization has contributed to intensify the competition between companies which directly affects the worker especially regarding the reduction of jobs. The competition for the few jobs induces investment by people in the improvement of their capabilities. Vocational education has often been related to improving the skills of individuals after entered the market. Sequencing a new model comes with a view to preparing a speech aimed at valuing teamwork, multifunctionality, flexibility of the worker. Through this relationship, this article analyzes the configurations of capitalism in its full exercise in relation to the employee.

KEYWORDS: Worker; Capitalism; Globalization Process.

1 – INTRODUÇÃO

O modelo toyotista surgiu como solução para a crise do capital ocorrida nos anos 70. Houve grandes mudanças na passagem do modelo Fordista/Taylorista para o Toyotismo quanto às formas que os operários realizavam seu trabalho. Segundo Sabel & Piore (1984), estas novas relações eram mais favoráveis aos trabalhadores quando comparadas as existentes no modelo anterior, principalmente por possibilitarem o advento de um trabalhador mais qualificado, participativo, multifuncional, polivalente, dotado de maior realização no ambiente de trabalho.

A preocupação com a competitividade também foi crescente tornando-se intrínsecos temas relacionados à flexibilização e a multifuncionalidade do operário. Assim, por meio deste trabalho objetiva-se analisar como o processo de globalização tem modificado as relações de trabalho, enfatizando a era da informatização e qualificação do trabalhador.

O trabalho está estruturado em três seções. Na primeira são discutidas as relações entre o modelo taylorista-fordista e a precarização do trabalho como forma de sobrevivência. Na segunda seção são apresentadas as modificações no mercado de trabalho impostas pelo processo de globalização e a qualificação profissional do trabalhador.

Por fim, na ultima seção é analisada a relação entre o operário e o modelo toyotista que sustentava a idéia do estoque mínimo aproveitando o máximo tempo de produção.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 02 Páginas 13-23
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

2 – METODOLOGIA

Esta pesquisa privilegiou a abordagem qualitativa em pesquisa educacional, na medida em que essa permite uma visão ampla do objeto estudado e seu envolvimento com a realidade social, política, econômica e cultural. A opção pela abordagem qualitativa justificou-se, desta forma, pelas características que foram consideradas no desenvolvimento desta verificação, isto é, buscando-se considerar, sobretudo, a perspectiva dos processos de transformação impressos na existência material do homem, avaliando as formas de trabalho que o operário se submeteu como sobrevivência e suas diferentes esferas, principalmente no que tange o processo de globalização.

Quanto aos procedimentos metodológicos, pautou-se, essencialmente, pela realização de uma pesquisa do tipo bibliográfica, com a finalidade de realizar o aprofundamento do referencial teórico que embasou a proposta. Assim, essa fundamentação ocorreu de modo a balizar maior compreensão sobre as relações entre as transformações sociais relacionadas ao desenvolvimento científico-tecnológico digital e a inclusão social dos trabalhadores, vista da qualificação para o trabalho que, no limite, figuram como pré-requisitos fundamentais para a construção da cidadania.

3 – TAYLORISMO E FORDISMO: O OPERÁRIO PROJETADO AO CAPITALISMO

Segundo França e Brito (2010) mediante as múltiplas relações estabelecidas entre os seres humanos, o trabalho é concebido como atividade por meio da qual eles se formam enquanto seres sociais, possibilitando-os alterarem a si próprios em um processo de transformação recíproco.

A relação entre os proprietários do meio de produção (capitalista) e dos proprietários da força de trabalho (trabalhadores) é desigual. O trabalhador não possui nenhuma alternativa de sobrevivência que não seja a de vender, por meio de contrato, sua força de trabalho ao capitalista (agora convertida em mercadoria). Dessa forma, o trabalho passa a ser executado de maneira assegurar a acumulação

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 02 Páginas 13-23
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

do capital controlado pelo interesses dos proprietários dos meios de produção. As relações sociais se convertem em relação de exploração, caminho para a apropriação do excedente do trabalho da classe destituída.

O empresário Ford Henry (1863 – 1947) no contexto do processo capitalista submetia o operário a realizar apenas uma parcela das tarefas com relação à montagem dos veículos que se movimentavam nas esteiras rolantes na Ford Motor Company. Esta organização chamada de Fordismo estabelecia o aceleração da produção, assim o operário se sujeitava a movimentos mecânicos sem oportunidades de qualificação, dessa forma, trazendo juntamente com esse processo a intensificação ao trabalho.

Ainda com objetivo de maximizar os lucros capitalistas, Frederick Taylor atribuiu o modelo Taylorista, no qual mantinha o controle da produção, tornava-se uma necessidade imperiosa para a gerência que deveria impor rigorosamente a forma com que o trabalho deveria ser executado, havendo assim uma separação entre o planejamento e a execução do mesmo.

Para França e Brito (2010) os trabalhadores deveriam ser treinados para executar o trabalho em uma seqüência de tempo e movimento previamente elaborada, evitando o desperdício operacional, assegurando a mais elevada produtividade e estabelecendo o planejamento científico materializando a organização racional do trabalho. Ao retirar do trabalhador qualquer poder de decisão sobre o método e ritmo do trabalho levando-o a cumprir mecanicamente suas atividades.

O Fordismo se apoiava na produção em massa, no parcelamento das tarefas, na criação da linha de montagem e na automatização das fábricas. Com a introdução do Taylorismo destacando a racionalização do trabalho, Ford (1914) gastando oito vezes menos do que com o antigo processo artesanal automatizava as primeiras linhas de montagem de veículos. Assim, o Fordismo consagrava a linha de montagem para propiciar o aceleração da produtividade, intensificando o trabalho e desqualificando o operário.

[...] entendemos o fordismo fundamentalmente como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho consolidaram-se ao longo desse século, cujos elementos constitutivos básicos eram dados pela produção em

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 02 Páginas 13-23
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro fordista e produção em serie taylorista; pela existência do trabalho parcelar e pela fragmentação das funções; pela separação entre elaboração e execução no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do operário-massa, do trabalhador coletivo fabril, entre outras dimensões (ANTUNES, 2007, p. 17).

Assim, o Fordismo consagrava a linha de montagem para propiciar o aceleração da produtividade, intensificando o trabalho e desqualificando o operário. Segundo Antunes (apud, Brito e França, 2010, p. 44):

Como o capital não pode eliminar o trabalho vivo do processo de mercadoria, sejam elas materiais ou imateriais, ele deve, além de incrementar sem limites o trabalho morto corporificado no maquinário tecnocientífico, aumentar a produtividade do trabalho de modo a intensificar as formas de extração do sobretrabalho em tempo cada vez mais reduzido.

O modelo fordista de produção foi responsável pelo desenvolvimento econômico chamada de Era de Ouro do capitalismo (aproximadamente entre 1950 e 1973). A “Era de Ouro” se evidencia com um amplo crescimento econômico e de estabilidade e com crescente produção e consumo. Por outro lado, evidencia-se também nesse contexto a política do pleno emprego.

Apesar da vida da classe operaria ter decorrida em condições mais confortáveis no cenário de bem estar social, não houve a eliminação das relações sociais de produção do capitalismo, nas quais sustentaram a exploração do trabalhador.

2 – A FORÇA DE TRABALHO E A GLOBALIZAÇÃO

Nos anos 1980 houve modificações nas relações de trabalho, substituindo a produção em massa pela flexibilização. O trabalho na era fordista que perdurou desde o final da crise de 1929 até então, foi caracterizado pela exploração do trabalhador sendo este um instrumento de lucro capitalista.

[...] entendemos o fordismo fundamentalmente como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho consolidaram-se ao longo desse século, cujos elementos constitutivos básicos eram dados pela produção em massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro fordista e produção em serie taylorista; pela existência do trabalho parcelar e pela

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 02 Páginas 13-23
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

fragmentação das funções; pela separação entre elaboração e execução no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do operário-massa, do trabalhador coletivo fabril, entre outras dimensões (ANTUNES, 2007, p. 17).

As transformações ocorridas na década de 1980 implicaram no aumento da tecnologia, com base na automação, robótica e microeletrônica que se inserem entre as relações trabalho e capital estabelecida nas indústrias. Inicia-se a busca por novos padrões de produtividade para a melhor adequação a lógica do mercado. A substituição do trabalhador por máquinas seria insuficiente para o aumento da produção, foram apresentadas alternativas ao modelo taylorista/fordista.

[...] tornou cada vez mais evidente a incapacidade do fordismo e do keynesianismo de conter as contradições inerentes ao capitalismo. Na superfície, essas dificuldades podem ser melhor apreendidas por uma palavra: rigidez. Havia problemas com a rigidez dos investimentos do capital fixo de larga escala de longo prazo em sistemas de produção em massa que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimentos estável em mercado de consumo invariantes. Havia problema de rigidez nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho (especialmente no chamado setor “monopolista”) e toda tentativa de superar esses problemas de rigidez, encontrava a força aparentemente invencível do poder profundamente entrincheirado da classe trabalhadora [...] (HARVEY, 1992, p. 135).

Vale ressaltar que estas modificações no cenário mundial induziram o acirramento dos processos de internacionalização e globalização, com destaque para os setores produtivos e comerciais. Sobre esse processo cabe reafirmar que:

Uma das principais características desse processo é o notável crescimento do progresso tecnológico, com o desenvolvimento e a difusão de “novas tecnologias”, principalmente nas áreas eletrônicas e informacionais, sendo que os setores de semicondutores, telecomunicações e informática são os mais destacados. A difusão de tais tecnologias, por um lado, cria novos produtos e novas oportunidades mercantis, e por outro gera maior eficiência e maior condições de competitividade para aqueles que têm acesso as essas inovações. A participação nesse processo, porém, não é acessível, a todos, em função do alto custo da inovação e da elevada complexidade tecnológica do processo, sendo que os gastos em P&D são cada vez mais elevados, e o ciclo de vida dos produtos é cada vez mais curto (VASCONCELOS, 1998, p. 520).

O avanço desses fenômenos gera consequências que incluem mudanças no papel do Estado e a desregulamentação das economias nacionais. Além disso, essas mudanças implicam aglomeração de empresas e alianças como estratégias de mercado. O progresso tecnológico em meio à crescente globalização e novos

modelos de gestão são fatores atuantes que têm sido levados em consideração pelas grandes empresas. Segundo Deluiz (1996, p. 15) a globalização provocou as seguintes mudanças no mercado de trabalho: “[...] a reestruturação do mercado de trabalho, novas formas de organização do trabalho, a flexibilização do trabalho, o crescimento dos empregos precários, o desemprego cíclico e estrutural, e a exclusão de contingentes de trabalhadores do mercado formal [...]”.

O trabalhador neste processo deve se transformar em um trabalhador multifuncional, polivalente, flexível que possua o poder de tomada de decisões, discernirem diferentes situações e propor soluções mediante problemas existentes no cotidiano. Diante disso fica evidente que o trabalhador entre ão permaneça no mercado de trabalho competitivo era necessário retomar as salas de aulas e procurar capacitação em busca da qualificação.

Para Koogan (apud SAMPAIO, 2010, p.168) “qualificação é o ato ou efeito de qualificar. Atribuição de uma qualidade, um título. Condições inerentes à formação profissional e experiência, requerida para o exercício de cargo, função e etc”.

Dessa forma, o trabalhador deve ser capaz de construir competências e atuar como um profissional multifuncional, sendo necessário que a qualificação acompanhe as novas imposições do mercado de trabalho diante da era da informatização. A experiência do trabalhador adquirida pelo tempo de trabalho e o histórico de qualificação não são mais considerados fatores essenciais para garantir a inserção profissional em meio às novas formas de gestão e aos novos conceitos de uma organização de trabalho, produto da “acumulação flexível” como apresentou Harvey (apud KOBER, 2004, p.05). Segundo SAMPAIO (2010, p. 170):

A construção dessas competências e o desenvolvimento de algumas habilidades utilizam-se da subjetividade do trabalhador para atender não as necessidades (proporcionando uma visão holística dos processos de trabalho), mas aos interesses do capital num processo de flexibilização. Nesse sentido, o termo ‘qualificar’ está mais voltado para atingir os objetivos do capital, pois, para tornar-se apto, não necessariamente se deve ter uma formação, mas, sim, ser ‘treinado’ para isso, quer dizer, o termo ‘qualificação’ ainda é bastante direcionado somente à atuação técnica e específica da área de atuação do profissional. [...]

De acordo com o PNQ (apud SOUZA, 2010, p.194) a qualificação profissional está associada à empregabilidade. Conforme Fidalgo (apud SOUZA, 2010, p. 200) “O termo empregabilidade se refere às condições subjetivas de inserção e permanência dos sujeitos no mercado de trabalho, e, ainda, às estratégias de valorização e negociação de sua capacidade de trabalho.[...] a empregabilidade tem sido referência nas atuais políticas educacionais e de formação profissional”.

Diante do que foi exposto, verifica-se que a globalização provocou mudanças no mercado de trabalho, onde o trabalhador deve se adequar as novas formas de organização diante da flexibilização do trabalho.

3 – O TOYOTISMO: UM NOVO MODELO DE GESTÃO DE TRABALHO

O processo de reestruturação produtiva via acumulação flexível, não só assegurava elevados padrões de lucros como também retomava o controle de trabalhadores. Assim, surge o Toyotismo pelo qual foram criados novos modelos de gestão de trabalho enfraquecendo assim as lutas das classes e assegurando os altos lucros. A produção vinculada à demanda variada e heterogênea foi fundamentada de funções tendo como principio o Just in Time (melhor aproveitamento possível do tempo e da produção). O Toyotismo procura horizontalizar o processo de produção e transferir a terceiros parte do que antes era produzido na própria fábrica. Devido a esse processo multiplicam-se os Círculos de Controle de Qualidade (CCQ) integrados por trabalhadores estimulados a pensar alternativas para elevar a produtividade.

Para Antunes (1999) no modelo toyotista o operário deve pensar e fazer pelo e para o capital o que aprofunda ainda mais a subordinação do trabalho ao capital.

Este novo modo de produção estava baseado na especialização flexível. Essas experiências, conforme Antunes (2007) trouxeram como conseqüências o toyotismo podendo ser classificado em quatro fases: a) necessidade de o trabalhador operar simultaneamente muitas máquinas; b) aumento da produção sem

o correspondente aumento dos trabalhadores; c) utilização do *kanban*⁵; d) expansão do método *kanban* para as empresas contratadas e fornecedoras.

Os objetivos do método Kanban são dados em forma de regular internamente as flutuações da procura e o volume de produção em cada seção, com o objetivo de reduzir os custos de estocagem, ele tende a minimizar as flutuações do estoques de produto acabado, cria condições para que as chefias diretas desempenhem um papel de gestão efetiva da produção e dos estoques, descentralizando a gestão da fábrica, objetivando também produzir as quantidades solicitadas no momento em que são solicitados.

Dentro dessa discussão conclui-se que este modelo apóia-se em um número mínimo de trabalhadores, ampliando-os por meio de horas extras e através da contração de trabalhadores temporários ou subcontratação dependendo das condições de mercado. Para atender as exigências desse método de produção era preciso um processo produtivo flexível que permitisse ao operário operar várias máquinas ao mesmo tempo. Foi disseminada a idéia de que a reintegração de atividades e o emprego de uma mão-de-obra melhor qualificada eram necessários.

Recordando as reivindicações por melhores condições de trabalho na década de 1960 e o descontentamento público com a tendência decrescente do valor de uso das mercadorias, fica fácil compreendermos a razão pela qual o capital insiste em qualificar processos de produção, trabalhadores e produtos tendo como referência os padrões estabelecidos pelo discurso da “qualidade total”.

Os lucros capitalistas dependem do mercado e do consumidor. Se o mercado exige qualidade é porque o público consumidor também exige. E o capital sabe muito bem disso e por isso instaura os programas e certificados de “qualidade total” (ANTUNES, 1999).

⁵ O termo *kanban* designa uma técnica importada da gestão dos supermercados dos Estados Unidos que implica na reposição dos produtos somente após a venda.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho ficou evidente que o capital se mantém em constante modificação, para que o trabalhador não se organize ou perca sua submissão. Com as modificações ocorridas durante o processo de reestruturação, o capital se torna mais dominante e controlador, por meios e métodos utilizados em forma de máscaras, as quais mantêm o trabalhador submisso e dependente. Seu controle conta com um exército de reserva e a necessidade financeira. Nota-se que quanto maior a necessidade financeira imposta por um mercado consumista, maior a submissão e alienação do trabalhador perante o capital.

Dentro da lógica do capital, o lucro visado como ponto principal, é buscado com a redução de estoque, antes adotado em grande escala pelo taylorismo, na qual o toyotismo mantém o sistema de eliminação de desperdício. Pela constante renovação e obsolescência programada do produto, aumenta-se a necessidade de renovação e conseqüente aumento do consumismo por parte do trabalhador, o que aquece e acelera o mercado imposto pelo fetiche da mercadoria.

O discurso de “Qualidade Total” coloca o trabalhador em um constante treinamento para várias funções dentro da empresa. Nota-se com isso, que, de forma indireta, mesmo dentro da empresa há um aumento do exército de reserva, no qual o colega de trabalho mantém uma função apta a substituir o trabalhador quando necessário. Facilitando o controle e submissão em caso de tentativa de reivindicações e revoltas para fugir do controle imposto. Conclui-se então que o capital busca de forma incessante o controle do trabalhador e as melhores formas de obter lucros cada vez maiores e o trabalhador se encontra cada vez mais alienados frente a um círculo de controle cada vez maior.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidades do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2007.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número II Jul-dez 2010	Trabalho 02 Páginas 13-23
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez/Unicamp, 1999.

BRITO, L. E. P. F.; FRANÇA, R. L. Educação a Trabalho Políticas Públicas e Formação para o Trabalho. Campinas: Editora Alínea, 2010.

CARVALHO, B. M. P.; FRANÇA, R.L. Trabalho e Tecnologia: Bases da Educação Profissional Tecnológica de Graduação. IN: FRANÇA, R.L.org. *Educação e Trabalho: Políticas Públicas e a Formação para o Trabalho*. Campinas: Editora Alínea, 2010.

CHESNAIS, Francois. Mundializacao do capital. Sao Paulo. Xamã, 1998.

DELUIZ, N. A Globalização econômica e os desafios à formação profissional. *Boletim técnico do Senac*, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p.15-21, maio/ago 1996.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

IANNI, Octavio. Teorias da globalização. 3. ed. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

KOBER, C. M. *Qualificação Profissional: uma tarefa de Sísifo*. Campinas, SP: Autores associados (Coleção educação contemporânea), 2004.

SABEL, Charles & PIORE, Michael. The second industrial divide: possibilities for prosperity. Basic Books, New York, 1984.

SAMPAIO, I. M. Trabalho e Educação: Paradoxos na formação do trabalhador. IN: FRANÇA, R.L.org. *Educação e Trabalho: Políticas Públicas e a Formação para o Trabalho*. Campinas: Editora Alínea, 2010.

SOUZA, V. F. Qualificação profissional na educação não formal de ensino no contexto da reestruturação produtiva. IN: FRANÇA, R.L.org. *Educação e Trabalho: Políticas Públicas e a Formação para o Trabalho*. Campinas: Editora Alínea, 2010.

VASCONCELOS, M. A; E et alli. *Economia Brasileira e Contemporânea*. São Paulo: Atlas, 1998.